O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

MARCELO SOARES

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

PREPARAÇÃO
França e Gorj

EDIÇÃO
2018

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Murilo Guerra

REVISÃO
Fernanda Guedes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S676m SOARES, MARCELO. 1983
O maior espetáculo da Terra / Marcelo Soares
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.

182 P. : 21 cm

ISBN 978-85-5833-334-4

1. Romance I. Título

CDD.: B869.93

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Literatura Brasileira

editora penalux .com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

Capítulo 1
ESPETÁCULO

Ouviu o barulho dos aplausos, respirou e o cheiro de tecido barato de sua roupa lhe incomodou assim como a forte iluminação do picadeiro. As pernas balançavam sem controle, pisou firme, sabia que o Mago do Impossível não podia demonstrar medo. A cortina se fechou atrás dele, o público aplaudiu.

As mãos de Juvenal dançavam no ar, trêmulas, o barulho de água sobressaiu-se aos aplausos, o cheiro de loção pós-barba se impregnou em seu nariz e os olhos reclamavam da luz forte do banheiro de seu apartamento. Ele fechou os olhos, quando reabriu o picadeiro de circo já não existia mais e na sua frente só via seu rosto refletido em um espelho. O rosto recém-barbeado, o corpo nu esperando a típica roupa passada e sem vida de trabalhador.

—Velho idiota!

Ele normalmente não reclamava daquela vida. Com quase cinquenta anos ter um emprego, e ainda mais de gerente, podia ser considerado lucro, contudo, sua mente viajava sempre ao passado, aos tempos de atração circense, de grande mágico de inúmeras façanhas, um tempo que foi deixado para trás após a morte de sua esposa e a fuga pelo mundo de sua filha.

"A vida às vezes acaba com os sonhos", era uma frase recorrente saída da boca de seu velho amigo Tenório, o bravo "cangaceiro palhaço" como era conhecido nos tempos áureos, agora aposentado por invalidez depois de um atropelamento.

Os olhos saudosos fitavam Juvenal no espelho, era hora do espetáculo.

Enxugou o rosto e fechou a torneira, vestiu a roupa, amarrou o sapato e deixou o apartamento.

Era gerente de uma concessionária de carros há alguns anos, começou como vendedor depois que deixou o circo em busca de um endereço fixo. Aos poucos foi ganhando a confiança dos donos e mesmo com 53 anos, idade considerada avantajada para o mercado de trabalho, mantinha seu lugar.

A jornada era puxada, acordava com as galinhas como sua mãe falava, pegava ônibus, verificava o estoque, a folha de pagamentos, se tinha algum pedido para chegar ou algum para ser feito, preparava tudo antes de iniciar o funcionamento da loja. Mas, o ex-mágico não reclamava das horas de trabalho, era sempre alegre e prestativo, uma boa companhia como sempre ressaltava Carlos, um dos seguranças.

Os dois sempre comentavam sobre a rodada do campeonato brasileiro de futebol quando o mágico chegava. Juvenal não torcia por time nenhum, achava até ridículo um marmanjo por volta de um metro e oitenta chorando feito bebê por conta da derrota de outros onze homens feitos. Lembrava-lhe o domador de animais selvagens do circo, um brutamonte

que chorava sempre em finais de campeonato sentado ao lado de seu tigre de estimação.

– Como o senhor pode gostar ainda de fazer isso todo dia, depois de tantos anos? – perguntou Angélica antes de abrirem a loja.

Ela era uma das funcionárias mais recentes, tinha vinte anos e um sorriso de paralisar qualquer um.

– Tirar coelho de uma cartola ou atender um cliente é a mesma coisa, desde que você tenha prazer pelo que faz e um bom truque. – respondeu.

Ela sorriu e deu uma tapinha no ombro dele.

Todo dia Juvenal olhava as pessoas deslumbradas com os novos modelos de automóveis como se fossem belas paisagens cheias de atrativos e aventuras. Conhecia bem esse deslumbramento no público circense quando adentravam a tenda do picadeiro, todos com olhos curiosos querendo tocar nos animais em cena, arregalados para os malabaristas.

– Queria ter a paciência que você tem com cliente chato.

– Não é uma questão de paciência, Angélica, mas de criatividade.

– Como assim?

– Eu só uso a imaginação para pensar algo inusitado, como no caso daquela senhora do carro importado que "apareceu" um problema depois de vendido, lembra?

– Mulher chata pra caralho!

– Eu olhava para ela e imaginava como seria divertido cortá-la ao meio…

– Meu Deus Juvenal, também não é para tanto.

– Não, não, cortá-la ao meio em um dos meus antigos números de circo. Minha ajudante entrava em uma caixa e fazia caras e bocas enquanto a "serra" lhe "atravessava".

– Ahhhhh, sempre esqueço seu passado de mágico. Já vi uns truques desses na TV.

– Assim consigo lidar melhor com a chatice alheia, entende?

A menina sorriu e Juvenal retribuiu o gesto, sabia que a diferença de idade entre eles era grande, entretanto, quando ela sorria essa percepção se dissipava em sua mente, logo a mesma ideia retornava.

Naquela tarde a tal ideia criou mais força e os dedos começaram a procurar constantemente a gaveta de sua mesa. Nela dois pedaços de papel com instruções escritas repousavam esperando sua triunfal entrada no palco. Pôs em prática seu plano quando o expediente estava se encerrando, os balanços do dia tinham sido fechados e Angélica já deixava a loja.

– Angélica! – disse quando ela passava pelo portão de saída.

– Ah, oi Juvenal, vai pegar o ônibus agora? – respondeu revirando a bolsa atrás do cartão de passagem.

– Sim, posso lhe acompanhar?

– Claro. – ela sorriu ao mesmo tempo em que encontrou o cartão.

Os dois seguiram lado a lado em silêncio por alguns minutos.

– Ei, – ela falou – tu viu esse negócio de bug do milênio?

– Bug? Que é isso?

– Um troço aí que falam que vai dá pau nos computadores todos na virada do ano.

– Agora?

– Sim! – ela falou com um estranho animo na voz – Imagina, saímos dos anos noventa pra dois mil e BUM! Tudo fica de pernas para o ar por conta de umas máquinas.

– Parece coisa de filme ruim de ficção científica.

– Não é maravilhoso?

Juvenal buscava coragem para falar o que tinha ensaiado dizer tantas vezes.

– Sabe… – tateou as palavras na garganta – Vai ter um espetáculo de mágica naquele circo que estreou semana passada.

– Legal. Você vai?

– Sim, comprei ingresso já, ganhei um a mais na promoção.

– Massa. – ela respondeu olhando o ponto de ônibus em busca de saber se sua condução estava chegando.

Os ingressos no bolso de Juvenal deslizavam de sua mão por conta do suor.

– Sabe…

– O que?

– É que…

Angélica olhou para ele esperando a continuação da frase.

– Nada não… – as palavras saíram como se fossem um suspiro – acho que é seu ônibus. – concluiu apontando para frente.

– Ah, é sim, valeu. – ela correu para o ponto acenando para ele – Bom show, até segunda.

Juvenal observou Angélica pegar o ônibus e, então, uma voz surgiu ao seu redor anunciando a nova atração "Del Gran Circo de La Vita"!

– E agora grande público o Mago do Impossível irá mostrar como fazer essa bela mulher desaparecer! – disse a voz do apresentador enquanto Angélica entrava no picadeiro com seu belo vestido preto, com pernas que fazia o público suspirar e sorriso trazendo vida a todos no local.

Juvenal segurou a mão de sua companheira de palco e indicou a cabine no fundo do picadeiro.

– O que será que vai acontecer com a linda mulher nessa câmara terrível? – falou em um tom soturno o apresentador.

Angélica adentrou a cabine e a porta fechou-se deixando só uma abertura na altura da sua cabeça. Juvenal girou a caixa em sentido horário e a movimentou pelo palco, ao final recolocou-a de frente ao público.

– Tanto movimento deixou nossa bela assistente tonta – falou o apresentador.

O público riu enquanto a mulher balançou um pouco a cabeça.

Juvenal se posicionou em frente a câmara e fez alguns gestos com a mão pedindo o auxilio do público.

AUTOR
marcelo.soaresdelima@yahoo.com.br
brevesvidas.blogspot.com.br
facebook.com/br3ve

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com